

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – SARAH MALDOROR, A POESIA
DA IMAGEM RESISTENTE
1 e 8 de Setembro de 2021

SAMBIZANGA /1972
(Sambizanga)

Um filme de Sarah Maldoror

Realização: Sarah Maldoror / Argumento: Maurice Pons e Mário de Andrade, baseado no romance *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier* de Luandino Vieira / Direcção de Fotografia: Claude Agostini / Som: Henri Roux / Montagem: Georges Klotz / Interpretação: Domingos de Oliveira (Domingos Xavier), Elisa Andrade (a sua mulher), Dino Adelino, Jean M'Vondo, Benoit Moutsila, Tala N'Gongo, etc.

Produção: Franco-congolesa / Cópia digital, colorida, falada em português e crioulo com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 98 minutos / Estreia em Portugal: Universal, a 19 de Outubro de 1974.

Sessão de dia 1, com a presença de Annouchka de Andrade

Sessão de dia 8, com apresentação. Dedicada a Elisa Andrade.

Segunda longa-metragem de Sarah Maldoror **Sambizanga** permanece, quase cinquenta anos depois, como um dos mais emblemáticos títulos da realizadora que foi buscar o nome artístico ao sulfuroso Isidore Ducasse, dito Conde de Lautréamont. Para além de ser um filme de interesse especial no universo da chamada “lusofonia”. Maldoror estudara cinema na URSS, colaborara com Ousmane Sembène e com Gillo Pontecorvo (foi assistente na célebre **Battaglia di Algeri**), tinha toda uma formação cinematográfica no âmbito da acção (também) política. Através do marido, Mário Pinto de Andrade, angolano exilado na Paris em que Maldoror vivia, conheceu a escrita de Luandino Vieira e por ela chegou a Angola em **Monagambé** (embora com rodagem na Argélia) e depois à Guiné-Bissau em **Des Fusils Pour Banta**, primeira longa da autora. Foi então que, voltando a Luandino Vieira, concebeu **Sambizanga**.

Em 1972, a independência angolana, embora iminente, ainda não se concretizara, a guerra colonial ainda sacudia o território. Era uma história que ainda não tinha chegado ao seu fim (dando de barato, para simplificar, que as “histórias” chegam a um “fim”), e certamente que visto de 1972 o ano de 1974 parecia a uma distância imensa. Este sentimento de incerteza, fruto da localização cronológica do filme, é importante para entender **Sambizanga**. Que é um protótipo do filme militante “por excelência” - aquele que pretende acima de tudo dar a conhecer uma causa, tentando se possível conquistar novos apoiantes. Não terá sido feito a pensar nem num público angolano nem num público português (que, de resto, e muito naturalmente, só o pôde ver depois de Abril de 74), mas num público internacional, com um propósito de mobilizar consciências (“awareness raising”, como se diz agora). **Sambizanga** é uma produção franco-congolesa, rodada neste último

país porque obviamente o território angolano estava indisponível, e contou com o apoio (possivelmente financeiro, quase de certeza logístico) do M.P.L.A.. Aliás, um dos argumentistas é Mário Pinto de Andrade, poeta e um dos mais importantes dirigentes daquele movimento, que se veria marginalizado por ser talvez o mais moderado, politicamente, de entre todos. E se Mário Pinto de Andrade co-escreveu o argumento - baseado numa história verídica narrada no romance de Luandino Vieira - a sua mulher, Sarah Maldoror, chamou a si a realização.

É um filme que tem “estampada” nas suas imagens a urgência com que foi feito, com os seus movimentos de câmara “nervosos” e os seus grandes planos “à flor da pele”, a que se podem acrescentar as evidentes vicissitudes com que a produção se deparou. O filme segue a história de Domingos Xavier, activista torturado e morto pela PIDE sem denunciar os seus companheiros, transformado por isso em mártir e símbolo da luta pela independência que, a partir da sua morte, eclodiria. Como quase todos os filmes militantes, **Sambizanga** roça o maniqueísmo, uma abordagem “bruta” das coisas, porque na verdade não tinha tempo, nem condições, nem interesse, para se alcandorar a uma posição “objectiva”. O seu cerne é a honra de Domingos Xavier, o seu sentido de sacrifício por uma causa maior que ele, uma causa comum – e por isso o filme, como o discursante numa das cenas finais, pode ser uma celebração – “é agora que a vida do Domingos realmente começa”, porque o homem se transformou numa ideia que pode ser transportada por milhões. Mas é um maniqueísmo matizado: se, por exemplo, os torcionários da PIDE aparecem aqui como “monstros” desumanizados e unidimensionais há em vários momentos a preocupação de não acelerar a radicalização, como o indicam as referências ao “branco bom” ou o sentimento de divisão estampado na cara e no comportamento dos cipaios (aliás, um sentimento de divisão que é pena que, dramaturgicamente, o filme não explore mais). O interesse de **Sambizanga** mede-se pela sua importância histórica, mas também pelo valor documental que o tempo lhe acrescentou: é um filme “dentro” dum conflito histórico em pleno curso, um photomaton do sentimento independentista angolano numa altura em que essa independência, apesar de tudo, parecia longínqua, e dependente da multiplicação de Domingos Xavieiros.

Luís Miguel Oliveira